



O ORADOR

Ônibus pintados de vermelho e amarelo, automóveis, caminhões se cruzam na manhã paulistana. Entre plátanos e palmeiras passam normalistas, e ora atravessam zonas de sombra clara, ora seus cabelos brilham ao sol. Há homens rápidos. Tudo está amanhecendo com tanta força que eu também amanheço de remotas aflições, eu emergo com energia das sombras da noite e me planto na varanda, ao sol. Vou ao chuveiro, a água me bate com força alegre, volto à minha varanda, e nesta varanda alta, sobre os veículos e os transeuntes matinais, tenho a vontade insensata de fazer discursos.

"Paulistas! Mais um dia amanhece!" Seria preciso fazer um discurso assim, seria preciso ter uma voz poderosa e firme, capaz de deter os transeuntes — para lhes anunciar esta manhã, a sua glória e potência, e lhes dar a todos a consciência clara da manhã. Frases bem lavadas, úmidas de vigor matinal.

"Paulistas!" O homem de chapéu se deteria atônito, a normalista de cabelos castanhos, rindo, diria para a outra, me apontando — "olhe um homem maluco" — (mas depois as duas ficariam sérias) e o rapaz de roupa cinzenta recearia que eu me fôssem lançar da varanda ao solo para me matar, talvez caísse em cima dele.

"Paulistas! Vossa clara e forte manhã me faz bem, e digo ao povo, e digo aos poderosos caminhões, e às grandes árvores e ao sol: obrigado! E à brisa da manhã eu agradeço e digo: leva para longe, leva pelos ares cheios de sol os restos de minha tristeza noturna, lava o ar e a alma deste homem, brisa! Eu estou sólido e limpo! Respiro fundo, tenho prazer em respirar e viver, sou capaz de fazer a justa guerra e empreender imediatamente a reconstrução das cidades, vou embarcar nas monções, trarei pedras e índios e horizontes largos — contai comigo, manhã paulista!"

Mas permaneço calado, de pé, parado, ao sol, na varanda, perante as árvores altas, mais alto que as árvores mais altas. Dissipam-se em mim os venenos da noite. Talvez apenas o meu corpo estremeça um pouco. Talvez apenas eu receie sair da zona do vento e da luz, reentrar na sombra do quarto, reencontrar no espelho o homem torturado e vazio, aquele cujo coração alguém pôde apertar nas mãos de unhas finas, dolorosamente, e jogá-lo ao chão como se fôsse um lenço usado, aquele a quem no fundo da noite deram a beber os filtros da melancolia — aquele homem fraco e aflito, aquele insensato.